

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
23 de Outubro de 2021  
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: ULRIKE OTTINGER

## FREAK ORLANDO / 1981

*Um filme de Ulrike Ottinger*

*Argumento, imagem (35 mm, cor, formato 1:66) e cenários: Ulrike Ottinger / Figurinos: Jorge Jara / Música: Wilhelm D. Siebert / Montagem: Dörte Volz / Som: Margit Eschenbach (gravação), Hans-Dieter Schwarz (misturas) / Interpretação: Magdalena Montezuma (Orlando Peregrino; Orlando Zyklopa; Orlando Capricho; o Orlando; Mr. Orlando; o artista; Mrs. Orlando), Delphine Seyrig (Helena Müller como a Deusa da Árvore da Vida; a anunciadora no grande armazém; a Mãe do Nascimento Milagroso; Helena Maya; a irmã siamesa Lena; Bunny Helena), Albert Heins (Herbert Zeus, o diretor do grande armazém; o padre; o gladiador; o chefe do departamento de psiquiatria; o vendedor de produtor farmacêuticos), Claudio Pantoja e Hiro Uschiyama (dois dançarinos; seguranças no grande armazém; acrobatas; Cérbero; pássaros humanos; enfermeiros), Galli (a jornalista de televisão), Eddie Constantine (o estilista), Therese Zemp (a mulher sem corpo; a mão esquerda), Jackie Raynal (a irmã siamesa Leni; Bunny Jackie) e outros. Produção: Sybille Hubatsceck-Raha, para Ulrike Ottinger Filmproduktion, em co-produção com Pia Frankenberg Filmproduktion e a ZDF / Cópia: digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrônica em português / Duração: 126 minutos / Estreia mundial: Festival de Höfer, 1 de Novembro de 1981 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca: 20 de Novembro de 2003, no âmbito do ciclo "Ulrike Ottinger".*

\*\*\*\*\*

com a presença de ULRIKE OTTINGER. Sessão seguida de debate.

\*\*\*\*\*

Tal como **Madame X**, realizado por Ulrike Ottinger três anos antes, **Freaks** é um objeto típico do período em que foi feito, o fim da festa dos anos 70, período *freak* por excelência na Europa e nos Estados Unidos antes que a *revolução conservadora* dos anos 80 e a hecatombe da sida viessem modificar radicalmente as coisas. O filme é ao mesmo tempo um objeto elaborado, repleto de referências e alusões culturais e uma utopia regressiva. As alusões culturais já estão contidas no título e no subtítulo do filme ("**Um Pequeno Teatro do Mundo em Cinco Atos**"). O **Orlando** do título é obviamente uma alusão ao mais célebre romance de Virginia Woolf, cujo tema central é uma metamorfose, pois o protagonista depois de viver trinta anos como um homem acorda um dia transformado em mulher e depois desta transformação andrógina vive mais trezentos, sem envelhecer fisicamente; **Freak** indica que estamos diante de uma variante *freak* do tema central do livro, mas, como veremos, esta palavra também é uma alusão a **Freaks**, o clássico filme de Tod Browning (1932). O subtítulo evoca por antífrase a peça de Calderón de la Barca, *El Gran Teatro del Mundo*, em que Deus escreve uma peça cujos personagens são os seres humanos. Ao longo do filme, alusões culturais mais ou menos reconhecíveis e nítidas se encadeiam: **Porcile** de Pasolini (a paisagem industrial que abre o filme, quase idêntica à que encerra o filme italiano, quando o grande industrial tudo abandonou como um santo); **The Bride of Frankenstein** (James Whale, 1935), literalmente citado nas sequências em que Delphine Seyrig tem um elaborado penteado em que o seu cabelo louro é cortado por uma mecha branca, como Elsa Lanchester naquele filme; um santo estilista; a Torre de Babel (que tem forma da pirâmide metálica onde encerram o estilista, uma pirâmide inacabada, numa espiral infinita); Jesus Cristo; o mito de Narciso; o mundo do circo, com as suas metamorfoses e as suas pequenas monstruosidades; Francisco de Goya (as duas galinhas com cabeças humanas, transpostas dos seus *Disparates*); fadas e

anões como nos contos de fadas; bruxas, como nos contos de fadas e quando, fora destes contos, algumas mulheres eram queimadas vivas por “feitiçaria”; duas irmãs siamesas, uma das quais bebe mais do que de devia, uma situação literalmente transposta de **Freaks**; penitentes cristãos, transformados em fetichistas do cabedal que também são praticantes de outra forma de penitência, o sado-masiquismo.

O filme anula o tempo histórico e congrega, um vasto número de mitos, em cinco etapas, longinquamente equivalentes aos cinco atos do drama clássico. No entanto, a deliberada ausência de progressão dramática, o encadeamento de episódios estanques, em que o personagem está fisicamente metamorfoseado em relação ao episódio anterior, aproximam-nos mais dos contos populares ou das sagas antigas, que costumam ter a forma de périplos, do que de qualquer coisa de “clássico”, com uma estrutura vertical. De modo muito resumido, eis o que decorre durante cinco atos neste pequeno teatro do mundo: no primeiro ato, Orlando Zyklopa é sapateiro num grande armazém, auxiliado por um grupo de anões; no segundo, Orlando Orlando nasce por milagre, com duas cabeças; no terceiro, Orlando Capricho aceita uma oferta de viagem pelo grande armazém, cai nas garras da Inquisição Espanhola e acaba deportado num comboio do século XX; no quarto, Mr. Orlando é levado a um hospital psiquiátrico e apaixona-se por uma de duas irmãs siamesas, o que a outra não pode suportar; no quinto, Mrs. Orlando/Freak Orlando é uma *entertainer*, que apresenta quatro dançarinas *bunnies* e, a seguir, o Festival Anual da Fealdade, o que leva a narrativa ao fim. Numa entrevista concedida a *Jeune Cinéma* por ocasião da difusão do filme, Ulrike Ottinger observa que *“existe em muitas pessoas um fundo de imagens arquetípicas que muitas vezes também estão contidas, de modo desfigurado, em filmes que pertencem a um género. Estes géneros (filme de aventura, melodrama, filme fantástico) têm algo de elementar e é por isso que agem de maneira tão forte sobre as pessoas, que suscitam admiração ou tristeza. Não recuso por princípio os géneros destes filmes, pois correspondem a desejos secretos do homem, que temos de aceitar. É bastante excitante tentar encontrar o que se dissimula nestes géneros e como seria possível ligá-lo à realidade atual”*. Indo mais longe na análise indireta do seu trabalho, a realizadora observa: *“Nada impede que se utilize elementos novos – de montagem ou de colagem – para partir um género e transformá-lo. Este tipo de relação tem sido negligenciado nos filmes recentes, que levaram muito pouco em consideração o ponto de vista das formas e esqueceram quase por completo o elemento-imagem que o cinema mudo nos fizera conhecer”*. Como é costume no cinema de Ulrike Ottinger (que sempre assina os cenários dos seus filmes), a concepção do espaço em **Freak Orlando** é tanto mais elaborada que o filme nada tem de “realista” e exige iconografia própria. Madalena Montezuma e Delphine Seyrig comportam-se deliberadamente como duas estrelas de cinema, duas divas que suscitam a admiração mais submissa, o que é significativo num filme, cujos acontecimentos esparsos e aparentemente lúdicos têm um fio de ligação: a busca pelo poder e o exercício do poder, veneno que penetra todas as utopias.

Antonio Rodrigues